

6ª PARTE

DISCURSOS E CONFERÊNCIAS

DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO PÁDUA LOPES, NA CADEIRA 38 DA ACL

Pádua Lopes

Ao instalar-se o governo do comendador Antônio Pinto Nogueira Acióli, as baterias da oposição foram contra ele apontadas com a fundação, em 27 de março de 1898, do jornal *O Rebate*. O órgão tinha à frente o jornalista Tibúrcio Rodrigues (1869-1898), cujos artigos causavam enorme repercussão na opinião pública. Contribuindo para as hostilidades, o governante praticava desmandos e abusos de poder. Em várias ocasiões, os aciologistas radicais rasgaram o jornal ou impediram sua circulação. Uma vez, o próprio Tibúrcio Rodrigues resolveu enfrentá-los e saiu às ruas vendendo pessoalmente os exemplares. Depois de sucessivas intimidações, o jornalista reagiu com um editorial em que declarava que a situação só poderia se resolver à bala. Foi o suficiente para o presidente do Estado se julgar ameaçado de morte e se refugiar no quartel do exército. Enquanto isso, a polícia interditava o jornal em 2 de setembro de 1898. O ato violento abalou a saúde frágil do jornalista que, não suportando os padecimentos morais, veio a falecer vinte e cinco dias depois. *O Rebate* fechou com seis meses, Tibúrcio Rodrigues morreu com 29 anos.

Esse foi um dos episódios dramáticos da instabilidade política que vergastou o Ceará em decorrência da Proclamação da República. O nome de Tibúrcio Rodrigues não consta nos grupos literários que desabrocharam no seu ciclo de vida, mas teve participação ativa nos movimentos políticos. Publicou o opúsculo-denúncia *O intrusão* – história de um cavalheiro da indústria; editou o jornal *O Rouxinol*, em Baturité, e integrou a redação das folhas políticas *Norte* e *O Ceará*.

Aquela pena vigorosa e aquela coragem viril se tornaram emblemáticas. Tanto que Tibúrcio Rodrigues foi escolhido para ser um dos patronos desta Academia Cearense de Letras. O combativo advogado José Martins Rodrigues (1901-1976) escolheu o nome e foi o primeiro a tomar posse na Cadeira nº 38 em 21 de maio de 1930. Começou trabalhando como redator do *O Nordeste e Correio do Ceará*, tendo depois fundado e dirigido o jornal *O Estado*. Seus atributos o encaminharam para a política, tendo se destacado como secretário de Estado e deputado federal. Ainda é reconhecido como um dos homens públicos mais íntegros e intelectualmente preparados que o Ceará já teve.

Sucedeu-o na Cadeira nº 38 o senador Francisco Menezes Pimentel (1887-1973), mais conhecido por sua trajetória política. Tomou posse na Academia em 10 de maio de 1951. Ele escreveu artigos para os jornais *O Nordeste* e *O Estado*. Como governador e interventor federal no Ceará foi um homem muito poderoso em meados do século passado.

O ensaísta, crítico literário, jornalista e poeta F. S. Nascimento foi o terceiro ocupante da Cadeira nº 38, tendo tomado posse em 12 de novembro de 1973. Nascido no Município de Serrita, em Pernambuco, em 14 de outubro de 1926, Francisco de Sousa Nascimento se mudou ainda criança com a família para o Crato, onde fez o curso de Técnico de Contabilidade e lançou a revista *A Província*, restaurou o jornal *A Classe* e participou da fundação do Instituto Cultural do Cariri. Transferindo-se para Fortaleza, publicou artigos literários no jornal *O Povo* e nas revistas *Clã*, *Aspectos* e da Academia Cearense de Letras. Foi nomeado diretor da Divisão de Intercâmbio Cultural e, em seguida, diretor da Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará. Exerceu também as funções de vice-secretário e de assessor da Secretaria de Cultura do Ceará. Participou

da criação da Academia Brasileira de Cordel e do Centro Cultural dos Cordelistas. Casou-se com Jacira Carvalho Nascimento, com quem teve dois filhos Marciano e Pablo, que lhe deram quatro netos.

O valor intelectual e a aptidão para a pesquisa literária de F. S. Nascimento eram patentes desde o seu livro de estreia, *Conflitos e Tendências*, que recebeu o Prêmio Cidade de Fortaleza, em 1967, na categoria crítica literária.

Sua obra-prima, *A estrutura desmontada*, foi publicada em 1972 e relançada em 2009. O livro revela que ele estava atualizado com os avanços da crítica literária, ao escrever uma das primeiras obras no Brasil dentro dos princípios propostos pelo formalismo russo e o *New Criticism* norte-americano. Essas correntes do pensamento abandonavam os métodos tradicionais de crítica literária e propunham a abstração da obra em relação ao autor e ao meio social, centralizando-a nos elementos objetivos de sua realização técnica, ou seja, na estrutura da composição e nos componentes linguísticos da narrativa.

Na introdução do livro, F. S. Nascimento sintetiza seu próprio pensamento: “Caberá ao crítico verificar o problema do equilíbrio dos personagens, ambientes e coisas no mundo da ficção, procurando não apenas justificar o processo de corporificação desses elementos na obra de criação literária, como tentar compreendê-los e explicá-los em toda sua extensão e verticalidade”. Com base nessas premissas, submete a estudo os livros *Os amigos do governador* e *Barra da solidão*, de autoria de Durval Aires. Essas novelas captaram a atenção do crítico por sua prosa experimental, cuja característica era o emprego sistemático da parataxe, uma técnica que dispensa as partículas de ligação nas frases. O estilo é chamado de telegráfico, em alusão à linguagem cifrada na qual as sentenças são curtas, diretas e incisivas; a sua cadência, rápida e sincopada. Ao concluir seu trabalho, F. S. Nascimento se congratula

por haver reconhecido e desmontado a estrutura ficcional dessas novelas sem lhes determinar “uma medida de valor”. Procedeu ele a tarefa de prospecção e verificou a funcionalidade do mundo ficcional apresentado, mas se esquivou dos juízos de valor e de qualidade.

Recepcionando F. S. Nascimento nesta Academia, o acadêmico Pedro Paulo Montenegro afirmou no discurso que “a formação do crítico literário é fruto de recolhimento e contemplação estética, resultado de leituras diuturnas”. É uma atividade para a qual se exige “uma vocação” e que, por isso, muito cedo, revela “a erudição, maior ou menor”, de quem pratica a Crítica Literária.

E a erudição maior de F. S. Nascimento foi reconhecida pelo ensaísta Fábio Lucas que o considerou “um dos mais importantes críticos literários do Ceará e figura de relevo nacional”. E consignou que o livro é “um trabalho exemplar” e contém “ensinamentos múltiplos sobre a arte da narrativa”. Com sua publicação, *A estrutura desmontada* foi incorporada ao seletor número dos livros fundamentais para a Literatura cearense.

No mesmo padrão de excelência, F. S. Nascimento escreveu *Três momentos da ficção menor* (1981), uma análise crítica dos contos de três escritores Oliveira Paiva, Herman Lima e Eduardo Campos. A seguir, vieram a lume *Apologia de Augusto dos Anjos e outros estudos* (1990), uma coletânea de ensaios sobre prosa e poesia de diversos autores; a *Teoria da versificação moderna* (1995), uma análise das experiências de versificação assimétrica; e *Diretrizes da linguagem poética* (2005), um estudo sobre as regras de metrificação e sobre o verso livre de poetas cearenses. Também revelou versatilidade intelectual ao discorrer sobre assuntos científicos, sociológicos e históricos nos livros *Quadrilátero da seca* (1988), *Crato: lampejos políticos e culturais* (1988), *Mártires da religiosidade popular* (2000) e *Fundamentos do Nordeste agrário* (2003).

Ao fazer a apresentação do livro *Diretrizes da linguagem poética*, a acadêmica Giselda Medeiros disse: “Somemos à argúcia e ao

engenho de F. S. Nascimento a sua virtude maior: a simplicidade. E a simplicidade, sabemos, é o começo da sabedoria; e a sabedoria é poder contemplar as cousas eternas e imutáveis”. Esse homem simples e sábio se despediu desta Academia em 18 de agosto de 2018, depois de quase quarenta e cinco anos, engrandecendo-a e enriquecendo-a com seu talento.

Percebe-se que uma linha mestra perpassa as vidas do Patrono da Cadeira nº 38 e de seus primeiros ocupantes. Todos trabalharam ou colaboraram na imprensa. Na condição de quarto ocupante, venho reforçar essa linha mestra, pois pertenço à categoria dos jornalistas. Por uma temporada, exerci a advocacia liberal e assumi cargos públicos de natureza jurídica, mas sem me desvincular do jornalismo. Com a fundação do *Diário do Nordeste*, em 19 de dezembro de 1981, pelo extraordinário empresário Edson Queiroz, fui trabalhar no jornal. Em função diretiva no Sistema Verdes Mares, tive o privilégio de conviver com Dona Yolanda Queiroz e o chanceler Airton Queiroz, os quais me incentivaram a aprimorar os conhecimentos sobre arte e cultura. A eles, que pairam na dimensão do infinito, a minha gratidão e o meu pleito de saudade. Tendo optado pelo ofício de escrever, desde muito jovem, acumulei uma produção de textos jornalísticos, jurídicos e literários, publicada em jornais, revistas e coletâneas. Depois de longa maturação, lancei, em 2016, o romance *Safira não é flor*. A demora na publicação dessa obra ficcional deve ser creditada em parte ao meu desvelo como bibliófilo. Preservando uma coleção de romances e contos da Literatura Brasileira, julgava que meu livro não poderia figurar na estante ao lado dos títulos de autores consagrados.

Nessa paixão pelos livros, encontrei um orientador seguro: o acadêmico José Augusto Bezerra, que aplacou os escrúpulos da autocrítica e me introduziu nos círculos acadêmicos. O maior bibliófilo do Brasil abre aos professores e estudantes as portas de sua

biblioteca, que se transformou num centro de referência bibliográfica. Incansável pesquisador e humanista, autor de obras premiadas, se aperfeiçoou na arte da oratória e me comoveu com o seu discurso de recepção. Sou-lhe grato por suas eloquentes palavras e pelo apoio solícito que sempre me deferiu.

Ao transpor os umbrais da Academia de Letras mais antiga do Brasil, abraço fraternalmente os seus ilustres membros. Agradeço a todos pela nobilitante aceitação de meu nome. Minha gratidão ao acadêmico Ubiratan Aguiar, enaltecido ex-presidente desta Casa, que realizou a eleição para a escolha de meu nome. Invocando a figura da escritora Alba Valdez, a primeira mulher acadêmica, saúdo a presidente Angela Gutiérrez como a primeira mulher a dirigir este Sodalício e através de quem tenho a honra de ser empossado. Agradeço as distintas presenças dos dirigentes de entidades culturais e de todos os amigos que prestigiam esta solenidade.

O romance *Safira não é flor* descreve a mentalidade e as convenções sociais no fim do século vinte, quando ainda pulsava o contato direto e afetivo nas relações com a família e os amigos; quando o uso do telefone celular e de seus aplicativos ainda não estava expandido. Engatinhavam as redes sociais e a exposição da individualidade e da intimidade era reduzida. Mas a revolução da Internet estava em marcha prenunciando uma ruptura nos padrões de comportamento. Safira aparece como uma das mulheres pioneiras na utilização da tecnologia para dar vazão a seus desejos. O romance não prega a moralidade; esse personagem feminino é apenas simbólico da transição da era analógica para a digital. Em apenas duas décadas, o mundo foi transformado como se tivesse sido apagado um pedaço do passado ao qual nos afeiçoamos. Olhamos com curiosidade esse cenário em que o ser humano continua intrinsecamente o mesmo, mas sua maneira de pensar e agir já não é a mesma.

A evolução da tecnologia nos torna dependentes de seus úteis equipamentos, mas o ritmo veloz das novidades eletrônicas desencadeia sentimentos contraditórios. As concepções estéticas que empolgaram e tiveram êxito até pouco tempo se deparam com as manifestações artísticas que emergem com vigor. Um embate que nos leva a questionar se a Literatura que se pratica hoje atende às exigências intelectuais e emocionais do público leitor, cada vez mais dispersivo pela diversidade das fontes de leitura e entretenimento.

A sociedade está afogada de informações sem foco e sem precisão que se equivalem à própria desinformação. Como anteparo a essa ofensiva falaciosa e irresponsável, a Literatura deve ser uma janela para a reflexão e o pensamento lúcido, construindo pontes entre esse conflito de valores espirituais. A Literatura tem de ensinar o leitor a compreender o mundo e fazê-lo ver com outros olhos, porque existem outros mundos a serem descobertos. Quem fala é Proust: “Graças à Arte, em vez de contemplar um só mundo, o nosso, vemo-lo multiplicar-se, e dispomos de tantos mundos quantos artistas originais existem”.

Estava fazendo um curso no Rio de Janeiro, em 1981, e aproveitei para assistir à solenidade da Academia Brasileira de Letras na qual seria homenageado o vereador José Barros de Alencar, então presidente da Câmara Municipal de Fortaleza. O dístico *Ad immortalitatem* estava à mostra na sala de sessões da Casa de Machado de Assis, o que me despertou um temor reverencial pelos acadêmicos que adotavam tal divisa. Pensava comigo mesmo como eles se sentiam, vendo a morte todos os dias e se comportando como imortais. Aquela ilusão encerrava um enigma para mim, pois deduzia que a imortalidade assim celebrada ocultava um sentido verdadeiro. Aqueles cidadãos respeitáveis não podiam ser loucos para cultuarem uma insensatez.

Essas cogitações sempre retornavam quando acontecia o ingresso de amigos nas Academias. Até que, ao ler *O banquete*, de Platão, me foi entregue a chave do enigma. O criador da Academia de Atenas e inspirador de todas as Academias elucida que o instinto de Imortalidade é comum à espécie mortal e que esse instinto se satisfaz pelo “artifício” da geração. O indivíduo se perpetua, física e espiritualmente, em outros indivíduos, por um processo que reclama participação e exclui a possibilidade de posse. Somos imortais não porque possuímos a imortalidade, senão porque participamos de um sistema que fecunda outros seres semelhantes numa cadeia interminável.

A substituição de membros da Academia equivale à geração mental de uma inteligência que se agrega ao quadro atemporal de seus associados. Por esse artifício, constituímos um só e mesmo corpo acadêmico e são nossos agora os 127 anos que já se passaram antes de nós, porque temos a idade desta instituição que funde o passado com o presente pela alquimia do idealismo. Não temos necessidade de estar juntos no mesmo tempo e no mesmo lugar, para dialogar sobre o nosso interesse vital e comum, porque este atravessa os séculos e as distâncias. Nosso vínculo acadêmico goza da legitimidade do amor livre e natural, oriunda de uma decisão consciente e desejada de se colocar a serviço da literatura e do conhecimento.

Por uma disposição espontânea, minhas ações anteriores já eram direcionadas para a finalidade desta Academia, que é “a preservação, o cultivo e o desenvolvimento da literatura e da produção científica, filosófica e cultural” no âmbito da sociedade cearense. Com a minha investidura, essa finalidade será um dever para mim, que cumprirei com apaixonada fidelidade de tal modo que, um dia, se possa dizer do amor que tive por esta Academia: “Não foi imortal, posto que era chama/ mas foi infinito enquanto durou”! (versos adaptados de Vinicius de Moraes). Obrigado.